TÊXTEIS

O EXCELENTE DESEMPENHO DAS EXPORTAÇÕES DE TÊXTEIS DEVERÁ COMPENSAR A QUEDA DO CONSUMO INTERNO, PREVISTA PARA 1984. AO CONTRÁRIO, AS EXPORTAÇÕES DE ALGODÃO EM PLUMA, RECÉM-LIBERADAS, DEVERÃO TORNAR-SE PROIBITIVAS FACE AO DECLÍNIO DAS COTAÇÕES INTERNACIONAIS COM A ENTRADA DAS SAFRAS DO HEMISFÉRIO NORTE.

As exportações de têxteis renderam, nos primeiros cinco meses do ano, aproximadamente US$ 494 milhões, crescendo nada menos do que 39%, quando comparadas com 1983. Seguiram a tendência geral das vendas externas de manufaturados, que se elevaram em 33%, responsáveis por 1/2 das exportações totais do período. Vale lembrar que não estão incluídas nesse total as exportações de algodão em pluma que, em 1983, contribuíram com uma receita de US$ 107 milhões de janeiro a maio. Este ano, ainda não se exportou nenhuma quantidade da fibra, sendo que a primeira quota de exportação foi liberada no mês de junho, num total de 40 mil t, distribuída entre cooperativas (29 mil t) e maquinistas (10 mil t).

Em que pese o elevado aumento ocorrido na receita com as exportações de têxteis (ver Quadro 13), deve-se salientar que as quantidades vendidas ao exterior apresentaram aumentos bem mais significativos, visto que os preços médios de exportação vêm experimentando, via de regra, quedas consecutivas ao longo dos últimos três anos.

A recuperação da economia norte-americana, conjugada a uma política de desvalorização do cruzeiro e à queda experimentada nos preços internos do algodão, a partir de março, tornaram os produtos brasileiros extremamente competitivos no mercado internacional, com destaque para os EUA, que representam atualmente o principal mercado importador desses produtos. Destaque-se, ainda,

Diante da queda no consumo interno de tecidos e confecções, os fabricantes optam por produzir para o mercado externo.

que após a implementação do Decreto-Lei 2065 e da vigência dos Decretos-Leis 2012 e 2024, desde meados de 1983, cujo reflexo se fez sentir na folha de salários das indústrias intensivas em mão-de-obra, os custos de produção tiveram acentuada redução, o que favoreceu ainda mais as exportações.

Por outro lado, a elevada queda ocorrida no consumo interno de tecidos e confecções a partir de 1982, que naturalmente liberou maiores excedentes para a exportação, forçou os fabricantes a agirem com mais agressividade no mercado externo, uma vez que este representava a única possibilidade de escoamento de partes crescentes da produção.

QUADRO 13 – BRASIL – EVOLUÇÃO DA RECEITA DE EXPORTAÇÃO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS TÊXTEIS – 1980 A 1984 (US$ 1.000 FOB)

PRODUTO	1980	1981	1982	1983	1984[1]
Fios de algodão	181.165	183.875	160.142	197.166	99.882
Fios de fibras art. e sintéticas	41.175	62.644	37.822	70.835	31.064
Fios de seda	27.916	28.259	23.019	26.093	12.489
Roupas de cama, mesa e banho	88.332	84.144	68.766	60.552	40.702
Tecidos de algodão	109.706	114.758	96.255	143.518	79.279
Tecidos de fibras art. e sintéticas	38.823	41.947	28.284	37.673	22.397
Vestuário e seus acessórios	46.028	50.538	30.702	43.737	29.150
Tecidos e artigos de malharia	62.893	55.554	47.344	43.773	23.213
Outros	319.628	339.138	258.088	444.800[2]	155.798
Matérias têxteis[3] e suas obras – TOTAL	915.666	960.857	750.422	1.068.147	493.974

FONTE – Cacex.

[1] Valores exportados no período janeiro–maio (no total apresentou crescimento de 7,3%, se comparado com igual período do ano passado).

[2] Desse montante, US$ 135,8 milhões referem-se às exportações de algodão em pluma.

[3] Inclui as vendas de matérias-primas como linha, sisal, algodão em pluma etc, além de cordas e todos os outros produtos do setor.

Assim, explica-se como foi possível aumentar as quantidades exportadas a taxas tão elevadas, considerando-se que a produção interna não apresentou, na média, qualquer aumento. A participação das exportações nas vendas totais da indústria têxtil, que até 1980/81 era de 25%, deve ter-se elevado significativamente em 1983 e 1984, principalmente nas grandes empresas, na medida em que 1982 foi marcado pela recessão mundial, que reduziu drasticamente as vendas externas e internas.

A extrema competividade que caracteriza o mercado internacional desses produtos vem causando, ao longo dos últimos anos, a deterioração das suas cotações, como comprovam os preços médios de exportação constantes do Quadro 14. A queda que vem deprimindo os preços recebidos pelos exportadores não impediu, no entanto, que as quantidades exportadas crescessem sistematicamente ao longo dos últimos anos. Várias explicações podem ser encontradas para esse comportamento, além da recessão, desde 1981, cujo resultado mais imediato foi o crescimento da taxa de desemprego e a queda no poder aquisitivo dos consumidores. Como exemplo, podem ser citados: a maxidesvalorização do cruzeiro em fevereiro de 1983 e a política de minidesvalorizações ajustadas à taxa de inflação interna; os recursos das Resoluções 882 e 883 (antigas 673 e 674) a custos bem inferiores às taxas do mercado (créditos subsidiados até o ano passado e atualmente pagando correção monetária plena mais 3% a.a.), que são importante fonte de capital de giro, e o crédito-prêmio do **IPI**, de 11% dentre outras vantagens.

Ao longo de 1984, os principais produtos têxteis(*) deverão conseguir uma receita de exportação de cerca de US$ 850 milhões, o que significa um crescimento de 36% em relação a 1983. As quotas brasileiras no âmbito do **Acordo Multifibras**, vigentes nos países da **CEE** e nos **EUA**, deverão ser totalmente preenchidas, a exemplo do que ocorreu no ano passado. No tocante a vendas externas de algodão em pluma, provavelmente não se conseguirá chegar aos patamares de 1983, visto que, embora a produção deva apresentar crescimento, em virtude do aumento da safra nordestina, os estoques estavam praticamente zerados no início do ano, o que inviabilizou a venda durante o primeiro semestre, época de entressafra no hemisfério Norte e, portanto, mais propícia para o escoamento do algodão brasileiro. A queda verificada nos preços da fibra a partir de março, revertendo a tendência de alta que se esperava fosse perdurar, fez com que cooperativas e maquinistas reivindicassem a liberação das ex-

Provavelmente, as vendas externas de algodão em pluma serão inferiores às do ano passado.

(*) **Consideram-se principais produtos os constantes dos Quadros 13 e 14.**

QUADRO 14 – BRASIL – EVOLUÇÃO DO PREÇO MÉDIO NOMINAL DE EXPORTAÇÃO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS TÊXTEIS – 1975 A 1984
(US$/t)

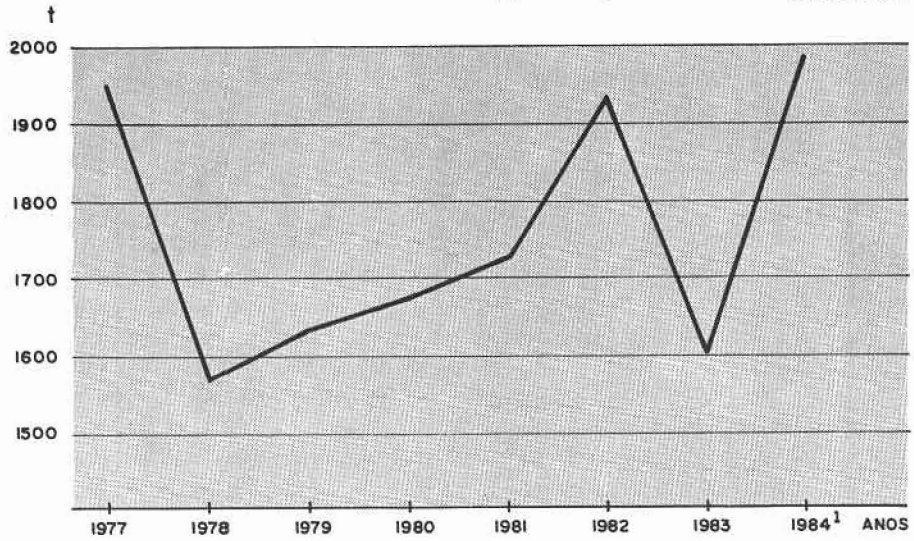
PRODUTO	1975	1976	1977	1978	1979	1980	1981	1982	1983	jan–mai 1983	jan–mai 1984
Fios de algodão	1.617,70	1.983,42	2.284,46	2.212,18	2.797,33	3.157,28	2.546,60	2.470,00	2.391,45	2.421,18	1.624,39
Fios de fibras art. e sintéticas	2.407,65	2.883,53	3.020,88	2.958,39	3.848,06	4.605,19	2.935,79	3.161,84	2.764,40	2.707,04	2.539,36
Fios de seda	19.928,29	21.549,55	20.021,13	24.028,82	32.872,40	32.919,81	29.193,18	28.244,17	25.283,90	25.816,43	24.878,49
Roupas de cama, mesa e banho	4.029,73	4.452,98	5.165,12	5.909,08	6.982,10	7.694,42	7.965,16	7.232,43	6.001,78	6.289,07	5.779,89
Tecidos de algodão	2.373,12	3.341,29	3.253,32	3.221,58	4.279,14	4.373,02	3.830,50	3.649,89	3.304,12	3.312,82	3.330,35
Tecidos de fibras art. e sintéticas	7.119,29	7.944,47	7.291,20	5.887,18	7.120,86	9.259,00	7.618,42	5.923,35	5.636,29	6.166,48	5.843,20
Vestuário e seus acessórios	11.081,60	9.708,99	10.296,56	11.663,50	12.022,62	9.780,71	9.807,49	11.312,45	9.171,10	11.148,20	9.729,36
Tecidos e artigos de malharia	11.037,30	11.048,57	12.250,67	15.454,12	14.171,18	15.850,05	16.798,91	14.930,30	12.799,12	15.344,98	10.796,71

FONTE – Cacex.

portações como forma de garantir melhores preços aos produtores. A quota de 40 mil t liberada em junho deverá melhorar a situação financeira das cooperativas do Paraná, que investiram volume considerável de recursos na compra do produto, esperando que fosse liberado o acesso aos **EGF's** para poderem, dessa forma, escoar a produção de maneira mais rentável. A falta total de crédito oficial para a comercialização do algodão inviabilizou a execução dos planos dos cooperativistas, forçando ao escoamento da produção, ainda que com algum prejuízo, tendo em vista os elevados preços pagos aos produtores nos meses de fevereiro e março, que não puderam ser repassados para a indústria e tampouco serão absorvidos pelas vendas no mercado externo.

BRASIL-EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE ALGODÃO EM CAROÇO
1977 a 1984 (1000t)

Gráfico 05



FONTE—IBGE
1 — Produção esperada - estimativa divulgada em maio pelo IBGE

A produção brasileira de algodão, caso se confirme a safra que é esperada para o Nordeste, apresentará crescimento de 23% em relação a 1982/83, retornando aos patamares das safras 1980/81 e 1981/82 (ver Gráfico 05).

O preço mínimo fixado para o produto nordestino, de Cr$ 9.924,30/@ de algodão em caroço, praticamente mantém o atual nível das cotações, na medida em que esse algodão chegará aos mercados da região Centro-Sul ao preço em que está sendo cotado na **Bolsa de Mercadorias de São Paulo**, ou seja, entre Cr$ 43/52 mil @. Dessa forma, a tendência dos preços (nominais) internos da fibra deverá ser a manutenção da atual estabilidade, incorporando, quando muito, parte das taxas de inflação. Deverá apresentar, porém, queda em termos reais, tendo em vista que, caso os preços iniciem novamente uma escalada de alta, as indústrias seguramente recorrerão a importações. Da mesma forma, as cotações externas deverão também apresentar queda em relação à média do primeiro semestre, visto que, além de entrarem no mercado as safras do hemisfério Norte, a produção norte-americana deverá crescer cerca de 30%, para um consumo interno praticamente no mesmo nível de 1983. O aumento da oferta nos **EUA**, conjugado com o atual nível de valorização do dólar frente às demais moedas, deverá forçar uma queda nos preços do algodão, além do financiamento para a exportação, como forma de viabilizar o escoamento de grande parte da produção, evitando-se, assim, que os estoques alcancem novamente níveis elevados.

